

Canto Coletivo Improvisado: uma comunidade de prática musical em âmbito universitário

Relato de experiência de professor

Uliana Dias Campos Ferlim
UnB
ulianacirclesongs@gmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende descrever uma experiência de ensino de música no ensino superior no âmbito da Extensão universitária. Trata-se do Projeto “Canto Coletivo Improvisado”. A partir de práticas musicais criativas e colaborativas com os recursos da voz e do corpo, e inspirada em movimentos culturais contemporâneos (o *workshop* “Circlesongs” e os eventos do empreendimento coletivo da “Música do Círculo”), é proposta uma ação regular, de amplo acesso e frequente, que busca intersecções com outros processos, pessoas e projetos educacionais. A partir do relato dessa experiência, e com uma perspectiva sociocultural, busco refletir e trazer aspectos positivos para a recontextualização de práticas e valores para a educação musical em contextos contemporâneos.

Palavras-chave: voz, corpo, comunidade de prática

Um projeto de extensão universitária: cultura contemporânea e acadêmica

O presente trabalho pretende descrever uma experiência de ensino de música no ensino superior no âmbito da Extensão Universitária. O Projeto “Canto Coletivo Improvisado”, inicialmente apresentado em formato semestral em 2015, tem sido reeditado desde então, e aconteceu, como oferta anual, em 2018, e continua agora, em 2019. Julgo que a experiência do “Canto Coletivo Improvisado”, na Universidade de Brasília, tem sido importante para reconfigurar pressupostos e abordagens do ensino de canto popular que exerço no âmbito da graduação no Departamento de Música, porém vou me ater ao contexto da extensão nesta apresentação.

A partir de práticas musicais criativas e colaborativas com os recursos da voz e do corpo, e inspirada em movimentos culturais contemporâneos (o *workshop* “Circlesongs” e os eventos do empreendimento coletivo da “Música do Círculo”), é proposta como atividade de extensão uma ação regular, de amplo acesso e frequente, que busca intersecções com outros

processos, pessoas e projetos educacionais, buscando refletir e agir sobre a educação musical em contexto contemporâneo.¹

Antes de trazer alguns dados sobre essas práticas, avaliadas pelos participantes, e levantar questões sobre o ensino e a aprendizagem musical no contexto universitário, mas para um público amplo, trago as referências bibliográficas que me auxiliam a contextualizar e justificar a ação com algumas ideias fundamentais. Busco apresentar brevemente a convergência de algumas proposições educativas e percepções sobre manifestações culturais.

Em primeira instância, cabe registrar que alguns estudos da área de Educação Musical são informados pela perspectiva sociocultural e dialogam diretamente com este projeto, considerando que a prática musical está integrada ao âmbito das relações sociais de forma mais ampla, e consideram a aprendizagem musical como fruto (ao mesmo tempo que geram) (d)estas relações sociais (ARROYO, 2002 e 2005; RUSSEL, 2006).

As propostas práticas das ações musicais seguem em acordo com orientações da área da Educação Musical contemporânea, que preconiza o envolvimento dos estudantes com o fazer musical de forma direta. As atividades de performance, apreciação e criação musicais, de forma integrada, estão no centro dos nossos objetivos e das práticas realizadas. Alguns exemplos são semelhantes aos relatados por Maura Penna (PENNA, 2010), inspirados nos fundamentos de educadores como Carl Orff, ou outros clássicos como Dalcroze. Desde o início e meados do século XX, alguns estudiosos da pedagogia musical e compositores da música erudita estiveram envolvidos com o desenvolvimento de princípios educacionais que privilegiassem a criação musical e o fazer musical direto, o que ficou conhecido como “métodos ativos”. Contemporaneamente, o professor Keith Swanwick, da Universidade de Londres, que elaborou uma teoria sobre o desenvolvimento e avaliação musicais, propõe uma filosofia de trabalho musical ampla que considera a inter-relação das atividades de

¹ O impulso para atuar com atividades criativas e colaborativas com voz e corpo vieram do *workshop* “Circlesongs”. Mais informações sobre o curso podem ser encontradas no *site* do Instituto Omega: <<https://www.eomega.org/workshops/teachers/bobby-mcferrin>> Acesso em 31 de maio de 2019. Para conhecer as ações do grupo “Música do Círculo”, ver: <<https://www.musicadocirculo.com/>> Acesso em 31 de maio de 2019. Na universidade, tenho participado também das ações do Projeto Autonomia, da Faculdade de Educação, dialogando e recontextualizando as práticas. Outros colegas de outras unidades também têm se interessado pelas práticas e sua reorganização em outros contextos e algumas ações já foram realizadas na Faculdade de Educação Física e no Instituto de Letras.

criar/compor, apreciar/ouvir e cantar/tocar (SWANWICK, 2003). A presente proposta está relacionada, em alguma medida, a esta ideia ou filosofia musical fundamental, no intuito de trazer o fazer musical para o centro do processo.

Outra vertente de fundamentação para o nosso trabalho são os estudos de etnomusicólogos, ou mesmo algumas práticas artísticas, que podem informar a área da Educação Musical. Alguns etnomusicólogos descreveram práticas musicais em comunidades africanas e ameríndias e denominaram-nas de “*circlesinging*” (QUARELLO et al, 2014). Bobby McFerrin, cantor e performer norte-americano conhecido por sua habilidade vocal e sua capacidade de interação com o público, utiliza o termo “*circlesongs*” para seu trabalho de criação vocal coletiva, inspirado nessas manifestações populares e também em sua ampla formação na área do *Jazz*. A criação vocal em círculo, gerando uma música de texturas inesperadas a cada momento, com diversidade de informações musicais, é o que ele chama de “*circlesongs*”. Porém, para além de ser um produto musical com formato específico, penso que o conceito de “*circlesongs*” pode abranger um processo de formação de comunidades de prática, um processo cultural em sentido mais amplo. O conceito de comunidades de prática é trazido pelos autores Lave e Wenger (SMITH, M. K. 2003, 2009), e na área da Educação Musical, foram utilizados por outros autores para identificar e estudar comunidades de prática musical (RUSSELL, 2006).

Outro ponto de referência de fundamentação da ação pode ser identificado nas manifestações da música popular tradicional brasileira em âmbito não formal. Desde meados da década de 60, importante impulso valorativo (em oposição ao início de século XX em que havia muita restrição), seja a partir de registros audiovisuais, ou na esteira dos movimentos culturais (vide CPC da UNE), ou mesmo com o movimento artístico do tropicalismo, podemos encontrar o discurso de resgate ou fusões da cultura popular brasileira. Talvez esse impulso valorativo tenha forte referência no Modernismo. Esses movimentos foram reforçados por atitudes de intelectuais e estudiosos, jornalistas e formadores de opinião, e contemporaneamente, podemos entender-nos frutos deste contexto, em que utilizar música popular (mesmo na escola formal) é muito mais comum e legitimado, mas necessita de exemplos práticos e avaliações sobre possibilidades de aprender e ensinar (SANDRONI, 2000). Carlos Sandroni traz a reflexão sobre a importância de se considerar, no aprendizado musical,

as formas de aprender das culturas populares. No campo das práticas musicais populares há grande presença e movimentos de valorização dessas formas culturais tradicionais, embora ainda haja alguma resistência à cultura de massa. No campo das práticas pedagógico-musicais formais é um desafio incorporar tais práticas populares e buscar sua legitimação, seja pela discussão sobre espaços adequados ou mesmo relações com o “currículo” desejável.

Criar um ambiente propício ao desenvolvimento de sociabilidades musicais e atento à diversidade de interesses faz parte da fundamentação teórica do presente projeto e é proposto, na extensão, como curso, como ação cultural, social e pedagógica.

O que é o “Canto Coletivo Improvisado”?

“É como redescobrir aos poucos algo que já está lá dentro de mim, esquecido, encontrando uma harmonia com o grupo e comigo mesma” (Participante em 2016, em FERLIM, Respostas..., 2015-2018).

Este projeto abrange, desde 2015, cursos e ações correlatas, como workshops e vivências. Hoje, conta com diálogos com outros professores da universidade. Nasceu da vontade da professora de abrir um espaço para um fazer musical essencialmente coletivo e que pressupunha a criação musical, não importando o quão hábeis ou já instruídos formalmente fossem os participantes. Nesse sentido, a extensão universitária parecia ser um bom caminho para propor as ações. Isso também seguia uma expectativa de que pudesse servir (e atrair) tanto a interesses do bacharelado em música, quanto ao licenciando, ao poder, positivamente, mesclarem-se entre si, de forma essencialmente musical, e ao público diverso.

Propôs-se, então, práticas musicais coletivas, utilizando voz e corpo como elementos fundamentais de criação, execução e apreciação, para um amplo público de estudantes, professores de música e profissionais de outras áreas, ou quaisquer pessoas, em qualquer nível de conhecimento musical, interessadas em cantar e fazer música. Além da vivência corporal e vocal, essa prática procura estar relacionada a discussões sobre princípios e possibilidades de aprendizagem musical. É pressuposto, a partir de uma perspectiva sociocultural, que esta prática está imbuída de questões sobre ensino e aprendizado. É interessante notar então, que ao mesmo tempo em que vamos desenvolvendo uma certa

metodologia de ação, vamos procurando compreender quais os valores que os participantes mais destacam nessa vivência no sentido de aprendizados que realizam. E nesse diálogo, vamos dinamizando, a cada oferta, os espaços e aprendizados. A cada oferta semestral foram atendidas em torno de 20 pessoas da comunidade universitária e geral no que se refere à ação mais regular de imersão semanal (isto é, sem contar os eventos com professores convidados). Foram atendidas pessoas de cursos diferentes da universidade, inclusive do Departamento de Música, o que gera uma comunidade bastante diversa, nos interesses e nas habilidades. Há uma participante regular que possui bastante limitação corporal por ter sofrido um acidente. Chama a atenção também a constituição de um núcleo de participantes mais regular e frequente, que em 2019 está mais à frente das proposições de ações, e participantes que vêm e voltam a permanecer por períodos de tempo mais curtos.

Vou procurar trazer, aqui, as falas dos participantes (sem identificá-los) que possam dar uma dimensão do que entendem que fazem, desenvolvem e como definem, a partir desta reflexão, o que significaria, então, a proposta do projeto. Posso resumir alguns princípios fundamentais que divulgo quando convido as pessoas a participarem: a prática imersiva e coletiva, incluindo corpo, voz e movimento, e a importância fundamental da improvisação, que se dá nos processos musicais mais diretamente, assim como na abertura do diálogo para a decisão conjunta sobre ações e práticas. Ao longo do processo de colocar em prática um espaço de fazer música vocal, a percepção da presença e importância do corpo e dos espaços de diálogos para a efetivação da proposta foram se revelando, e de forma bem impactante, como fundamentais.

Que tipos de ações são realizadas?

Ao final do semestre ou do ano, os participantes do projeto são convidados a responderem a um questionário de autoavaliação e avaliação das ações. É importante dizer que estou trazendo aqui observações sobre as ações principais, que são a vivência imersiva, que é realizada uma vez por semana, na hora do almoço, a fim de abarcar a comunidade universitária, estando aberta à participação da comunidade externa. A cada encontro, sempre, após as práticas, é parte do processo conversar sobre o que realizamos, de forma que a

avaliação é constante. No entanto, esse questionário, ao final de um ciclo, estabelece um momento mais reservado, não obrigatório, individual, em que o participante não precisa se identificar para trazer suas reflexões, ponderações e sugestões para e sobre o projeto. O projeto abarca, além dos encontros imersivos regulares, a visita de professores convidados. A comunidade mais próxima que inspira fortemente a organização desse ambiente imersivo, tem sido o empreendimento coletivo da “Música do Círculo”. Muitas práticas que realizamos vem dos aprendizados de ferramentas e técnicas de interação social e musical que eles utilizam, além daquelas vivenciadas no *workshop “Circlesongs”*, junto às minhas próprias vivências como professora de canto popular. Vamos criando também nossas formas de ação e abrindo espaços para que os participantes se tornem mais ativos.

Ao serem perguntados sobre o que eles fizeram, para que descrevam as atividades com suas próprias palavras, encontrei e selecionei, abaixo, as seguintes expressões:

- Rodas de canto circular em grupo. Canto com padrões preestabelecidos pela professora e canto livre com padrões que surgiam espontaneamente no grupo.
- Fizemos diversos exercícios de improvisação que trabalharam nossa capacidade de criar no âmbito musical e também de utilizar a espontaneidade como veículo para o trabalho musical autêntico, sem ficarmos presos a somente técnicas que aprendemos de maneira formal.
- Realizei práticas de canto coletivo e em círculo, tudo a base de muita liberdade criativa e improvisação.
- Cantos e sons improvisados na roda, exercícios respiratórios, aprender a escutar.
- Exercícios para trazer a consciência para o corpo e o momento; 2. Cantei de forma autônoma; 3. Ouvi; 4. Cantei seguindo "comandos"; 5. Improvisei; 6. Cantei em grupo; 7. Cantei sozinha.
- Bordões, improviso livre, respostas, limitações, percussão e sons corporais.
- Canto improvisado! Ritmo! Movimento corporal.
- A gente fica descalço, aquece o corpo, alonga, solta alguns sons, fala o nome, solta frases musicais, faz grupos de frases e interage. Tem a parte da improvisação pessoal e da participação coletiva. A facilitadora (professora) atribui os papéis e permite que cada um o faça e sentir-se à vontade. É democrático, é emocionante, é um encontro SAGRADO.
- Cantei e participei de reflexões sobre esse cantar.
- Relaxamento corporal, aquecimento vocal, percepção de sons produzidos pelo corpo.
- Brinquei com minha voz.

- Rodas com contraponto, improviso livre, percussão corporal, loop com vozes. (FERLIM, Respostas..., 2015-2018).²

Dentre as respostas selecionadas que trouxe aqui, gostaria de destacar alguns elementos que mais aparecem, e que me são mais caros quando intento recriar um espaço de fazer musical mais afeito à espontaneidade e criatividade: a ideia de liberdade, mas ao mesmo tempo momentos de restrição (“comandos”), a importância da relação, o ouvir e produzir sons e a presença do corpo na condução desses processos. Cantar, percutir e improvisar são as atividades principais. E então, essas respostas me auxiliam a afirmar que, dentre as intenções e a realização da ação, parece haver uma certa coerência.

O que você considera que aprendeu?

No que se refere aos aprendizados que eles destacam que tiveram, aparecem:

- Aprendi um pouco de harmonia vocal, especialmente na escala pentatônica sobre melodias africanas. Aprendi a me soltar mais.
- Várias técnicas de improvisação dentro da proposta do *Circlesongs*, técnica criada por Bobby McFerrin nos EUA, que me levou a perceber como posso criar vários tipos de sons e assim fazer música de maneira bastante espontânea.
- A ouvir melhor o outro.
- Que esta prática pode ser livre ou dirigida. Em ambos caminhos as possibilidades são imensas e todas elas, propiciadoras de experiências e caminhos de aprendizado.
- Autoconfiança para improvisar!
- Aprendi a escutar, a improvisar no canto e na vida.
- Que a música é maior do que eu imaginava.
- No momento da atividade, o ganho que tive, foi a diminuição da timidez.
- A olhar o outro, esperar o tempo de sua melodia, manter contato visual, a estar disponível e conectado.
- Aprendi a ser humilde e não tentar controlar a música... às vezes temos essa falsa ilusão. Aprendi a ouvir meus colegas e também pequenas ideias juntas formam um todo tão lindo...
- A trabalhar em equipe, na hora de desenvolver uma atividade como essa
- Que não tem erro, tem tentativas.
- Consegui aplicar técnicas vocais que havia aprendido com mais facilidade.
- Lidar com a música de forma mais natural e com menos tensão.

² Trata-se de material armazenado de forma *on line*, pessoal, utilizado para acompanhamento e avaliação da ação de extensão na universidade. A ortografia foi corrigida para permitir a fluência do texto. Recursos ortográficos expressivos foram deixados como originalmente escritos, por exemplo, sinais de pontuação e o uso de letras maiúsculas.

- Aprendo a soltar a minha voz, a reconhecê-la e me permitir escutar e participar.
- A confiar em mim, a abrir espaço para o outro, a ouvir, a somar. O som é meio para muito mais.
- Acredito que tenha contribuído para o treino do ouvido e percepção melódica, rítmica e harmônica, mesmo que intuitivamente. Contribui para educar a audição e também para tornar-me mais criativa vocalmente.
- Sobretudo como fazer parte de um som. Ser importante para um produto final que não depende somente de mim.
- Considero que aprendi sobre ritmo, pulso e me sensibilizei à harmonia vocal.
- Que a música está em todo lugar, e que nosso corpo é um instrumento incrível e acessível para todos.
- Aprendi a interagir com os outros de modo mais harmônico e tranquilo, sem me agredir nem a ninguém (FERLIM, Respostas..., 2015-2018)

Dentre os aprendizados citados, selecionados, e que aparecem com alguma recorrência nas edições do projeto, eu promovi uma primeira categorização de respostas que identifique a seguir e também no quadro mais abaixo. Há aprendizados de 5 tipos. Elenquei da seguinte maneira, somente a título de organização: 1) Relacionais, quando o participante destaca sua relação com o grupo ou com as outras pessoas. 2) Comportamentais, quando o participante relata suas transformações de comportamento pessoal, de auto-percepção. 3) Musicais, quando o participante relata diretamente conceitos musicais já estabelecidos. 4) Expressividade do corpo, quando o participante cita diretamente que seu corpo foi veículo ou objeto final de transformação. 5) Novas concepções sobre música, quando o participante relata que sua forma de compreender ou fazer música são transformadas. Também aparecem relatos mais dissonantes ou desviantes, ainda que poucos, de dificuldades ou de observações menos definidas, que trazem dúvidas ou questionamentos, por exemplo:

“mas ainda sinto uma certa dificuldade em estar o tempo todo presente, quando vejo, já estou viajando numa outra onda e chega minha vez de cantar e não faço a menor ideia do que está rolando, **aí vou lá, canto, mas dá ruim**”. (FERLIM, Respostas..., 2015-2018, grifos meus)

Ou então:

“aprendi muito mais **sobre mim mesmo**, sobre **o grupo** e **sobre pessoas**, do que sobre música propriamente. Sei que aprendi várias coisas sobre música, **mas não saberia nomeá-las** ou explicá-las”. (FERLIM, Respostas..., 2015-2018, grifos meus)

Apesar de serem dados ainda não devidamente tratados como pesquisa, há algumas recorrências de percepções que indicam a validade no debruçar-se sobre eles. Como apresentado desde o início, o âmbito da extensão universitária parecia ser bastante adequado para lidar com diversidade de habilidades e saberes, o que ao mesmo tempo, pelas indicações positivas nas respostas, pode indicar um grau de inclusão e democratização nos processos de ensino e aprendizagem musical. Além do que, ao apresentar um desenvolvimento que parece ser expressivo de tipos de aprendizados diferenciados, pode indicar uma certa potencialidade para reconfigurar outros contextos de ensino. Em outras palavras, o que significa ensinar música, o que é música, o que são comunidades de prática musical, como promover boas experiências musicais, como lidar com a diversidade cultural ou diversidade de habilidades nos mais variados contextos ainda são questões importantes para a Educação Musical e esta experiência parece trazer pontos positivos que merecem maior investigação.

Tabela 1: Tipos de Aprendizados

Tipo	Aspectos citados
Relacionais	Relação com o “outro” e o grupo, escuta
Comportamentais	Auto-percepção, confiança, tranquilidade, aceitação
Musicais	Ritmo, som, melodia, percepção, improviso, criatividade, harmonia, técnica, vocal
Expressividade do Corpo	Alteração de percepção, corpo como instrumento
Concepções sobre Música	Alteração de percepção, beleza, música pode “ser mais”

Fonte: Elaborado a partir de FERLIM, Respostas..., 2015-2018

Como você define o “Canto Coletivo Improvisado”?

Ainda utilizando o questionário de autoavaliação e avaliação do projeto, ao serem perguntados sobre como eles redefinem o que seja a proposta, buscando referenciar o seu próprio título-conceitual, aparecem as seguintes expressões que destaco:

- Viver em comunidade e fazer parte do seu desenvolvimento.
- Um valor civilizatório! Uma forma contemporânea que busca caminhos muito antigos de construção cultural cotidiana pela experiência de fazer música de forma coletiva. A arte vivida no dia a dia. Construção de saúdes!
- Coletivo pelo compartilhar da música em grupo deixando o momento falar através do improviso.
- Vivência em grupo, sociedade alternativa, aprendizagem sem fim, comunicação através da arte, sensibilidade em roda, eterna escola.
- Uma prática que proporciona troca de musicalidade entre os participantes, e abrange a questão do corpo em movimento de forma espontânea e libertadora.
- É uma vivência grupal que dá liberdade para que as coisas sejam criadas e reinventadas.
- Encontrar a própria voz na interação coletiva. (FERLIM, Respostas..., 2015-2018)

Selecionei algumas respostas acima para tentar apontar que além de reaparecerem as questões dos tipos de aprendizado aparece, com uma certa recorrência, uma noção de construção de uma comunidade em que certos valores são assumidos, vivenciados e compartilhados. Creio ser importante para a educação musical considerar mais profundamente esses aspectos. O registro fotográfico que segue abaixo permiti-me identificar pessoas de origens bastante diversas que tangenciam essa “comunidade do canto coletivo”: estudantes de Música (da UnB e de outras escolas, da Licenciatura e do Bacharelado), um egresso da Licenciatura, estudante de Letras, Educação Física, Pedagogia, Teatro, comunidade extra-universitária, integrante de ONG, e também professores colegas da universidade.

FIGURA 1 – Foto da visita de Ronaldo Crispim, da “Música do Círculo”, ao Projeto de extensão “Canto Coletivo Improvisado” em 20 de set de 2018



Fonte: Arquivo pessoal

No que se refere à continuidade desta ação no âmbito da extensão, considero muito pertinente, pois trata-se de algo inclusivo, democrático e ao que tudo indica, muito potencial musicalmente e ao nível do desenvolvimento humano mais amplo. Como disse no início, sinto-me transformando minha forma de atuar no âmbito do ensino da graduação, há outros parceiros, outras unidades acadêmicas (Faculdade de Educação, de Educação Física, Instituto de Letras, Faculdade de Comunicação) que se interessam pelas ações e estimulam um certo diálogo na reapropriação ou recontextualização dessas práticas. As vivências imersivas continuam sendo a parte principal do projeto, porque também são reflexivas e geradoras dos norteamentos metodológicos. Há espaços variados para interessados em diversas perspectivas, seja aprendizado, ensino, pesquisa, desenvolvimento cultural.

Referências

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *Em Pauta*. Porto Alegre, Vol. 13, n. 20, jun. 2002.

FERLIM, Uliana D. C. (compilação) Respostas aos questionários de autoavaliação e avaliação do Projeto de Extensão, 2015-2018. Material anexo aos relatórios do Projeto de Extensão. Não disponível.

PENNA, Maura. A fala como recurso na educação musical: possibilidades e relações. Em: *Música(s) e seu Ensino*. Porto Alegre: Sulina: 2010, p. 206 - 228.

QUARELLO, A. et al. *Voice and movement in circle with body percussion*. Facilitation in learning observed in Voice BAPNE® method and in circlesongs teaching. <<https://web.ua.es/va/ice/jornadas-redes-2014/documentos/comunicacions-posters/tema-3/392121.pdf>> Acesso em 04-06-2017.

RUSSELL, J. Perspectivas socioculturais na pesquisa em educação musical: experiência, interpretação e prática. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, vol. 14, 7-16, mar 2006.

SANDRONI, C. Uma roda de choro concentrada. Reflexões sobre o ensino de músicas populares na escola. In: IX ENCONTRO ANUAL DA ABEM. *Anais...*, 2000.

SMITH, M. K. (2003, 2009) '*Jean Lave, Etienne Wenger and communities of practice*', *the encyclopedia of informal education*, Disponível em <<http://infed.org/mobi/jean-lave-etienne-wenger-and-communities-of-practice/>> Acesso em 30 de maio de 2019.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo, Editora Moderna, 2003.